

A INTERNET É FATO CONSUMADO. E AGORA, MR. FROEHLICH?

*"A história é um carro alegre,
cheio de gente contente,
que atropela indiferente
todo aquele que a negue."
Pablo Milanés e Chico Buarque*

Adriano GOSUEN¹
agosuen@hotmail.com

Como bem aponta Froehlich, a *Internet* apresenta muitas falhas e faltas. Na rede, não se tem uma autoridade central que a organize; não se tem clareza da direção em que caminhará. A tecnologia de que dispõe não é madura, estável ou confiável. Nem mesmo temos certeza da qualidade daquilo que hoje ela produz ou comporta. E os usuários podem acessar informação sem qualidade, tomando-a como correta. Pior. Numa quase anarquia, podem haver interferências constantes em seus conteúdos. A *Internet* é um problema.

Ao encontrar sua consistência essencial num campo problemático, a rede joga, num vórtice, todos os elementos que se relacionam com ela, para este campo. Desestabiliza relações já estruturadas. Assim, problematiza noções como verdade e, conse-

⁽¹⁾ Bacharel em Psicologia, Pesquisador do Centro de investigações sobre Desenvolvimento e Educação Infantil (CINDEDI) da F.F.C.L.R.P. - U.S.P.

qüentemente, engano. O que é, então, uma informação enganosa? Não há forma de responder a esta questão. De quem é, afinal, a presunção da verdade? Não é da Internet, nem de seus conteúdos.

A rede, por ser esta problemática, impele-nos a rever posições, rediscutir tecnologias e modos de relacionamento, enfim, repensar as formas de estar no mundo. Pedindo-nos uma atualização¹. Isto é desconfortável e acabamos por nos enredar na armadilha da *Net*. Que armadilha? A tentativa de domá-la, possui-la, subjuga-la. Fazê-la entrar em nossa fôrma.

Entretanto, não é possível TER poder em relação à *Internet*. Poder, para Foucault, são estratégias, manobras, táticas e técnicas postas em funcionamento na medida em que se exercem sobre os menores espaços da vida individual e social. "Neste sentido deve ser entendida sua afirmação de que 'o poder se exerce mais que se possui, sendo, portanto, fundamentalmente operatório."² Assim, "em vez de tomar os objetos sobre os quais incidem e moldá-los, caracterizando assim uma relação de dominação, os mecanismos das relações de poder visam constituir tais objetos. O poder seria menos um controlador de forças do que seu produtor e organizador".³

Internet é uma forma de produção de saber - portanto de poder - que já está aí. Se é impossível negar sua existência, refreá-la é condenar-se ao fracasso. Seria como tentar interromper o curso do desenvolvimento da escrita quando esta estava florescendo. É tentar interromper a história. Este carro alegre, no qual vai sentadinha a *Internet*.

Não se conseguirá exercer poder sobre a rede pedindo maior controle sobre ela com autoridades centrais, caminhos bem planejados, produção uniforme, metaíndices exatos, catálogos irretocáveis. Ao contrário. É no jogo da produção, da criação, que está a chave. Os EUA, ao planejar a *Internet2*⁴, não fazem outra coisa. Os metaíndices ao se lançarem, também. Mesmo que imperfeita a *Internet2* será lançada. Mesmo que incompletos os metaíndices estão aí. Buscam soluções, saberes e poder através da criação. Criação que se define por sua incompletude, pois ato criativo que se desenvolveu

plenamente deixa de ser criação. A rede, aliás, se define por sua incompletude. Sempre haverá novos saberes a se desenvolver. Novos nós a ligar. Novas tecnologias por surgir. Não é à toa que muitos manuais ensinam a evitar a expressão "em construção" quando da montagem de nossas *home-pages*, afinal estar em construção é o que constitui a rede. Assim, como predizer em que direção a rede caminhará? Não se pode predizer. O máximo de predição cabível é este anúncio: a rede, ao estar completa, estável, com tecnologia madura, terá morrido.

Por que não? Isso é possível. Entretanto, os sulcos abertos em nosso terreno fértil são irreversíveis. Assim como a escrita, a rede traz um componente de irreversibilidade: o signo. Signo que permite a troca entre os humanos. Central no processo da escrita, o signo foi o que deu início ao descolamento da humanidade de uma fusão com o mundo. O signo viajou por milênios com o homem. Aprendeu a tomar as rédeas da escrita e veio num trote alegre até os dias de hoje. Agora, é convidado a transitar por um novo terreno, onde o processo se acelera: o signo virtualizado nos meios informáticos, nas redes globais de informação, nos hipertextos. Acelerando exponencialmente o descolamento do sujeito ocidental de sua fusão com o mundo.

Por ser distribuída, sem um centro controlador, a *Internet* permite essa troca entre os homens em uma escala não vista antes. É a experiência humana atual mais próxima do que podemos entender por coletividade humana. Seu funcionamento e gerenciamento se dá nesta ordem. Ao não ter uma autoridade central, leva-nos a articular soluções com nossos pares, nas várias esferas de poder. O que dizer da pornografia infantil⁵, válida em alguns países e proibida em outros? A rede acelera a obrigatoriedade de nos relacionarmos com outros povos em busca de soluções conjuntas. Coloca-nos, de certa forma, num curto-circuito de alteridade. Alteridade esta que constitui a subjetividade humana. Alteridade que descentra este sujeito ocidental. Não mais tomando o centro como a sua instância, mas como uma posição momentânea, ajudando-o a construir uma subjetividade que Guattari chamaria de polifônica⁶, múltipla. Participante de uma subjetividade cada vez mais coletiva, pós-moderna.

Ora, se a inexistência de uma autoridade central leva-nos a articular soluções com nossos pares; se a falta de tecnologias maduras e estáveis demonstram o quanto há de criativo na rede; se conceitos enrijecidos ganham novo sopro ao se problematizarem na rede; se somos impelidos a rever posições pela desestabilização das relações já estruturadas; se somos levados a buscar, explicitamente, poder na criação e não no controle; se a rede acelera exponencialmente o descolamento do sujeito ocidental de sua fusão com o mundo; se permite que os homens troquem numa escala não vista antes; se permite uma experiência de coletividade humana ainda não tentada, não podemos entender as características colocadas no primeiro parágrafo deste texto como sendo negativas. Problemáticas, sim, posto que esta é a consistência essencial da *Internet*, negativas, não.

Estender a idéia de problemática para a idéia de negativa, misturá-las, torná-las uma só qualidade, é um passo quase automático na cultura ocidental. Entretanto, este é o cuidado que pede a *Internet*. A idéia trazida pelo conceito negativo diverge da idéia trazida pelo conceito problema. Problema pede uma solução. Solução, que na rede, cria um novo problema que clama por nova solução, numa espiral, num vórtice, que é o próprio conceito de virtualização de Lévy⁷. Virtualização que é o próprio processo de antropogênese, para o autor.

Já neste ponto o leitor poderia me filiar à corrente dos deslumbrados com a rede. Evidentemente, vejo nela possibilidades de desenvolvimento humano. Mas, vejo também a possibilidade de, numa brutalidade maior do que as já ocorridas, a rede excluir um exército de pessoas. Ora, esta idéia não está em desacordo com as colocadas anteriormente. Vieram da mesma nascente: o que a rede fizer, não fará por si. A rede fará o que os homens fizerem dela.

Neste sentido, dizer que a *Internet* promove exclusão não basta. É preciso discutir que mecanismos podem ser usados e descobertos para promover, através da rede, e utilizando suas capacidades, novas formas de inclusão e distribuição das melhorias sociais.

Se as tecnologias do saber estão excluindo pessoas (e a escrita ainda hoje o faz), tratemos de repensar novas formas de promover inclusões. Propor diferentes soluções, diferentes maneiras, diferentes padrões, diferentes possibilidades de acesso. À rede e ao saber, inclusive. Acesso mais democrático e produtivo para o coletivo humano.

Acredito que, nesta tarefa, os trabalhadores da informação têm papel importante. Abre-se um campo virgem para as atuações deste profissional. A rede suporta uma gama de serviços de informação que ainda precisam ser criados, experimentados. Por que não um profissional da informação trabalhando para uma empresa provedora de informações, ajudando-a a construir índices melhores, metaíndices, catálogos, serviços de buscas mais eficientes? Por que não promover capacitação aos profissionais da informação para que eles possam ajudar as empresas a disporem melhor as informações dentro de seus *sites*?

A montagem de hipertextos certamente é um dos campos possíveis. Hipertexto, assim como um caldeirão de mídias, é também área de um caldeirão de profissionais. Penso que o profissional da informação poderia atuar sobre o hipertexto⁹, tentando entender qual a melhor forma de dispor a informação para o usuário. Qual a melhor forma de não dispersá-lo a partir de um ponto qualquer do hipertexto⁹.

Os profissionais da informação não podem ficar esperando surgir o convite. Ninguém virá. "É necessário formar, organizar e colocar em circulação um saber"¹⁰ sobre a questão. Enfim, assumir a parcela de poder e de responsabilidade que lhes caberia nesta rede.

NOTAS

(1) LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

(2) FONSECA, Márcio Alves. **Michel Foucault e a constituição do sujeito.** São Paulo: Série Hipótese. Educ, 1995.

(3) _____ Op. Cit. p. 32-33.

- (4) URL: <http://www.rnp.br/i2/>.
- (5) URL: <http://www.geocities.com/SoHo/Lofts/7300/pornografia.html>.
- (6) GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1992. pág. 11 ou GUATTARI, Félix. **Linguagem, Consciência e Sociedade**. In: 2ª edição. Hucitec. Saúde Loucura, nº 2, São Paulo.
- (7) LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Ed. 34, 1996, Rio de Janeiro.
- (8) A este respeito ver artigo de BURNETT, Kathleen. **Toward a Theory of Hypertextual Design**. <ftp://ftp.lib.ncsu.edu/pub/stacks/pmc/pmc-v3n02-burnett>. 1993.
- (9) AM, Onar. **Cyberspace and the Structure of Knowledge**. URL: <http://www.stud.ux.his.no/~onar/Ess>. 1994. URL: <http://www.stud.ux.his.no/~onar/Ess>. URL: [Cyberspace_and_the_Structure_of_Knowledge.html](http://www.stud.ux.his.no/~onar/Ess)
- (10) FONSECA, Márcio Alves **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: Educ., 1995. p. 34.